



GUERRA NA SÍRIA

Alepo é dominada por grupos antigoverno

Segunda maior cidade do país está sob controle de milícias lideradas por facções islamistas, como a Hayat Tahrir al Sham. Presidente sírio, Bashar al-Assad, promete reprimir os "terroristas" com o apoio de aliados

» MARINA RODRIGUES
» ISABELLA ALMEIDA

AFP



Ataques aéreos e por terra deixaram dezenas de mortos em Aleppo

Pela primeira vez desde o início da guerra civil na Síria, em 2011, as forças do governo local perderam o controle total da cidade de Aleppo, a segunda maior do país, para milícias rebeldes dominadas pelo grupo islamista Hayat Tahrir al Sham (HTS). Cerca de 40 km ao norte, ontem, combatentes apoiados pela Turquia "tomaram o controle da cidade de Tal Rifat" e de várias localidades vizinhas, uma posição estratégica, segundo o Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH). Desde o início da ofensiva, na última quarta-feira, foram registradas quase 500 vítimas dos conflitos, entre combatentes e civis.

Os rebeldes liderados pelo HTS e facções aliadas "controlam Aleppo, com exceção dos bairros sob o controle das forças curdas", declarou à *Agence France-Presse (AFP)* Ramí Abdel Rahman, diretor do OSDH. O grupo também domina grande parte do território nas províncias de Idlib, Hama e Latakia. Os curdos sírios estabeleceram uma autoridade autônoma apoiada por uma força militar em áreas do noroeste, mas o OSDH reportou que há 200 mil curdos-sírios no norte da província de Aleppo que estão "sob assédio de milícias pró-turcas".

Em resposta, o presidente sírio Bashar al-Assad garantiu reprimir com firmeza os ataques. "O terrorismo só entende a linguagem da força, e é com essa linguagem que vamos acabar com ele e eliminá-lo, quaisquer que sejam seus apoiadores e promotores", afirmou ontem, em conversa com uma autoridade da Abkhazia, região separatista pró-russa da Geórgia.

Em Damasco, capital da Síria, Assad se reuniu, neste domingo, com o ministro das Relações Exteriores do Irã, Abbas Araghchi, que atribuiu os incidentes a "um plano americano-sionista para perturbar a estabilidade e a segurança na região". O chanceler



Uma Síria sem maestro, o pobre povo sírio sendo sacrificado!

Georges Hajjar, 66 anos, ex-morador de Aleppo

também reafirmou o apoio ao governo local: "O Exército sírio vencerá novamente esses grupos terroristas, como no passado", disse ele, citado pela agência de notícias oficial *Irna*. A próxima parada de Araghchi é a Turquia.

Presos em casa

A crise na Síria se agravou na quarta-feira, quando o frágil cessar-fogo no Líbano entre Israel e o movimento islamista Hezbollah, apoiado pelo

Palavra de especialista

Oportunidade ideal

"O regime sírio tem condições limitadas de revide e, por isso, depende do apoio bélico e logístico russo e iraniano, bem como das forças curdas que combatem suas próprias batalhas contra os extremistas islâmicos patrocinados pela Turquia. A minha impressão é que para Washington, Moscou e Teerã, a Síria é um problema menor no momento. O Hezbollah também foi um aliado importante de Assad nos anos 2010 e agora estão desarticulados por conta da guerra contra Israel. Para a Turquia, por outro lado, parece ser

Arquivo pessoal



a oportunidade ideal para controlar o norte da Síria, neutralizar os curdos e integrar — ainda que informalmente — a região à Turquia. Para a Europa, a queda de Aleppo pode representar uma nova onda de refugiados sírios que tentariam chegar à Europa em busca de paz e estabilidade, que passariam por território turco."

Heitor Loureiro, doutor em história e pesquisador associado do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Oriente Médio (Gepom)

Irã, entrou em vigor após dois meses de guerra. Em Idlib, há corpos em um hospital e carros incendiados nas ruas, segundo

consta nas imagens da *AFP*, depois que o OSDH reportou que um bombardeio russo matou, pelo menos, oito civis ontem,

entre eles, duas crianças.

"Estamos entrancheados em casa", contou um morador à *AFP*, que pediu para não ser identificado por motivos de segurança. Os rebeldes "estão tentando fazer cara de bonzinhos e tranquilizar a população. Eles forçaram as padarias a trabalhar a noite toda e distribuíram pão grátis nos cruzamentos hoje", acrescentou.

Nascido em Aleppo, Georges Hajjar, 66 anos, estudou na cidade até 16 anos, quando mudou-se para o Canadá. "Saí logo depois da guerra de 74 para o Canadá, e estou no Brasil há 34 anos", conta ao *Correio*. Acompanhando as notícias da cidade natal, Georges afirmou que as facções que controlam Aleppo estão fazendo exigências à população, impondo o uso do hijab (véu) para mulheres cristãs e a remoção dos ícones das igrejas dentro de três dias. "Infelizmente a situação está piorando rapidamente", afirmou o ex-morador.

ESTADOS UNIDOS

Trump anuncia novos membros do governo

Donald Trump anunciou ontem o sogro de sua filha Tiffany para o cargo de assessor principal em assuntos árabes e Oriente Médio. O empresário libanês-americano Massad Boulos foi uma peça importante na campanha do presidente eleito. "Estou orgulhoso de anunciar que Massad Boulos desempenhará como assessor principal do presidente em assuntos árabes e do Oriente Médio", publicou em seu perfil na rede social Truth Social.

Boulos, que ajudou a conquistar os eleitores árabes-americanos e muçulmanos, será responsável por um cargo desafiador e deverá tratar assuntos polêmicos, como o conflito entre Israel e Palestina, o cessar-fogo acordado com o grupo xiita Hezbollah no Líbano e o avanço de forças rebeldes na Síria contra o governo de Bashar al-Assad. "Massad é um advogado consumado e um líder muito respeitado no mundo dos negócios, com ampla experiência no cenário internacional", disse Trump, qualificando seu escolhido como um "fazedor de acordos" e "defensor dos valores republicanos e conservadores".

No sábado, Trump escolheu seu ex-assessor Kash Patel como diretor do Federal Bureau of Investigation (FBI) e Chad Christner, um xerife da Flórida, como administrador da Drug Enforcement Administration (DEA), a agência antidrogas dos Estados Unidos. A nomeação de Patel foi anunciada no Truth Social: "Este FBI vai acabar com a crescente epidemia de crimes na América, dismantlar as gangues criminosas migrantes e parar o flagelo maligno do tráfico de pessoas e drogas através da fronteira. Kash trabalhará sob nossa grande Procuradora-Geral, Pam Bondi, para trazer de volta fidelidade, bravura e integridade ao FBI", publicou o presidente eleito.

Segundo Denilde Holzhaecker, professora de relações internacionais da ESPM, as escolhas de Trump podem ser categorizadas entre aqueles que demonstraram lealdade, grandes financiadores políticos, defensores da agenda conservadora e profissionais ligados ao mercado. "Desta vez, ele terá um gabinete mais alinhado às suas ideias, o que deve fortalecer a implementação das promessas de campanha. Esses grupos compartilham a visão de um Estado mais enxuto e eficiente, o compromisso com a restauração da liderança internacional dos Estados Unidos e a defesa de valores tradicionais." (MR e IA)

GUERRA NA UCRÂNIA

Zelensky cobra proteção da Otan

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, afirmou ontem que seu país precisa de armas e garantias de segurança da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), antes de qualquer negociação com a Rússia por um fim do conflito. Zelensky disse que um convite da Otan à Ucrânia para se unir à aliança militar transatlântica era necessário para a "sobrevivência" do país.

"Somente quando tivermos todos esses elementos e em posição de força, teremos de fazer a muito importante agenda de nos reunir com os assassinos", disse, em referência à Rússia. As declarações foram feitas em uma coletiva de imprensa junto ao novo presidente do Conselho Europeu, o português António Costa, que viajou à Ucrânia no primeiro dia de mandato.

A viagem dos funcionários de alto escalão da UE a Kiev ocorreu

em meio à tensão entre Moscou e os países do Ocidente, após os disparos feitos pela Ucrânia com mísseis americanos e britânicos contra o território russo e o Kremlin lançando um míssil hipersônico.

Na última sexta-feira, Zelensky propôs, pela primeira vez, ceder parte do território ucraniano à Rússia, em troca de um acordo de cessar-fogo e de proteção da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). O pronunciamento foi feito em entrevista exclusiva ao portal de notícias britânico Sky News.

Para Tito Lívio Barcellos Pereira, geógrafo pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando em relações internacionais pelo Instituto San Tiago Dantas, com a declaração polêmica, o presidente ucraniano apenas torna público o que já era admitido e debatido nos bastidores

AFP



diplomáticos norte-americanos e europeus: "a impossibilidade de reconquistar militarmente os territórios ocupados e anexados pela Rússia. Assim, Kiev abdicaria desses territórios, em troca

de garantias para sua entrada na Otan, que seria assegurado por seus parceiros ocidentais".

No entanto, ele afirma que os círculos políticos e diplomáticos russos não pretendem aceitar

Presidente ucraniano propôs, pela primeira vez, ceder território à Rússia em troca de cessar-fogo

qualquer negociação de cessar-fogo ou paz que envolva essas condições. "Além disso, as tropas russas ainda ditam o ritmo do conflito e podem expandir o controle para mais territórios e províncias, diminuindo a barganha diplomática das fadigadas autoridades ucranianas", diz o geógrafo.

Orçamento militar

Ainda ontem, Vladimir Putin, presidente da Rússia, aprovou um orçamento para o triênio 2025-2027, que inclui uma elevação de 25% nos gastos militares. Além disso, um terço das despesas não será esclarecida à população.

"A aprovação do novo orçamento trienal russo mostra que, ao contrário do que se previa anteriormente, Moscou conseguiu não apenas mostrar resiliência às sanções econômicas aplicadas pelo Ocidente (sobretudo os EUA e seus aliados da UE), como também registra crescimento econômico graças à conversão e à expansão econômica para se adequar ao 'esforço de guerra', esclarece Tito Lívio.

"Apesar dos riscos, a economia russa, que ainda conta com importantes reservas financeiras, mostra que ainda é capaz de conduzir suas campanhas militares (se considerarmos as operações na Síria junto com a Ucrânia) por um longo período, e também reflete suas novas ambições de adquirir novas capacidades e diminuir a distância estratégica com seus rivais euro-atlânticos", conclui o especialista. (MR e IA)